



DOSSIÊ



LENDO ICONOGRAFIAS E PAISAGENS: A TRAJETÓRIA DE DENISE SCHAAN NA ARQUEOLOGIA

Daiana Travassos Alves  

Universidade Federal do Pará - FCS/PPGA/IFCH

Marcia Bezerra  

Universidade Federal do Pará - FAV/ICA/PPGA/IFCH

Renata de Godoy  

Universidade Federal do Pará - FCS/PPGA/PPGAU

submissão: 20/06/2021 | aprovação: 20/08/2021

Este dossiê em homenagem à Denise Pahl Schaan foi pensado como uma forma de dar continuidade ao seu legado e prestigiar sua memória ao destacar suas contribuições ao estudo das sociedades humanas do passado em múltiplas perspectivas. *A Amazônica: revista de Antropologia (ARA)* é um dos muitos frutos da dedicação de Denise à Arqueologia e Antropologia amazônicas. Somam-se à revista, as diversas parcerias em projetos de pesquisa no âmbito das referidas áreas de conhecimento e a formação de pesquisadores, não restrita, mas reforçada pela criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), ao qual vincula-se a *Amazônica*. O PPGA se dedica à formação de pesquisadores em Antropologia com base no modelo de quatro campos (Balée 2009), com foco na região amazônica, e comemorou 10 anos de sua fundação em 2020. Entendemos que a organização deste dossiê contribui para divulgar ainda mais o excepcional patrimônio acadêmico construído por Schaan ao longo de sua trajetória profissional e que ultrapassa sua presença na UFPA.



Figura 1 - Denise em mesa no Antropologia em Foco III do PPGA, em maio de 2013.
Foto: André dos Santos.

Denise Pahl Schaan nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 17 de abril de 1962. Sua carreira universitária teve início na graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1982-1987), em seguida, ela cursou mestrado na mesma área na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993-1996) e obteve o título de Ph.D. em Antropologia Social (Arqueologia) pela Universidade de Pittsburgh (1999-2004) nos Estados Unidos. Denise foi pesquisadora colaboradora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) por mais de uma década (Gabas Jr. 2018), curadora das coleções arqueológicas do *O Museu do Marajó* e tornou-se docente da UFPA em 2005. Ela coordenou mais de 20 projetos de pesquisa financiados por agências brasileiras e estrangeiras, orientou aproximadamente 50 estudantes de graduação e pós-graduação e produziu 14 livros, mais de 40 artigos nas principais revistas científicas nacionais e internacionais da área, além de 40 capítulos de livros.

Buscando renovar a visão sobre a complexidade das sociedades que habitaram a Amazônia antes da invasão europeia, confrontando a influência do imaginário europeu sobre como pensamos essas populações com dados arqueológicos (Schaan 2009a), Denise dedicou-se com afinco à pesquisa arqueológica na Amazônia, onde desenvolveu projetos na Ilha de Marajó (Schaan 2009b, Schaan & Martins 2010, Schaan & Marques 2012), baixo

Amazonas: Santarém e Belterra (Schaan & Amaral 2013, Schaan & Alves 2015, Stenborg et al. 2014, Schaan 2016), Transamazônica (Schaan 2013), Serra Leste (PA) (Schaan & Lima 2012) e na região oriental do estado do Acre (Schaan, Ranzi & Pärssinen 2008, Schaan, Bueno & Ranzi 2010), nos quais estabeleceu redes de colaboração interdisciplinares e multinacionais.

Igualmente, diversas foram as temáticas abordadas em suas pesquisas, desde investigações e discussões sobre sociedades complexas até as pesquisas em Etnografia audiovisual. Conhecida por sua abordagem inovadora das cerâmicas e dos contextos arqueológicos da cultura marajoara, suas contribuições abarcavam discussões de gênero, identidade e etnicidade, simbolismo da cultura material e das paisagens, arte e patrimônio cultural relacionadas a estudos de coleções. Além disso, o referencial da Arqueologia da Paisagem embasou suas reflexões acerca do sistema de subsistência de sociedades amazônicas pré-colombianas hierárquicas à base do manejo da pesca; já as perspectivas da Arqueologia da Paisagem, da Ecologia Histórica e da Arqueologia Pública orientaram outro destaque dentre as pesquisas que liderou: os estudos dos geoglifos na Amazônia ocidental. Fora esses trabalhos de peso na Amazônia, contribuiu vivamente para a Arqueologia brasileira, tendo presidido a Sociedade

de Arqueologia Brasileira (SAB) entre 2007 e 2009 (Schaan & Bezerra 2009).

Denise iniciou sua trajetória na Arqueologia amazônica com um estudo iconográfico da cerâmica marajoara (1997), apresentando um enfoque estrutural da iconografia marajoara, categorizando os grafismos na cerâmica como uma linguagem iconográfica que funcionava como um repositório sobre a história e a cultura marajoaras, cujos grafismos reproduziam elementos da fauna do Marajó e expressavam o sistema de pensamento dos povos que ocuparam a região no período pré-colonial. Sua pesquisa inaugurou uma linhagem de estudos, especialmente, voltados para a iconografia da cerâmica marajoara. De acordo com Oliveira, Nobre e Barreto (2020), tais trabalhos abriram caminho para “uma nova compreensão da relação entre identidade e cultura material”. Discutindo a expansão da cultura marajoara na Ilha de Marajó desde uma perspectiva regional, Schaan (2004; Schaan & Silva 2004) demonstrou que as práticas culturais eram seguidas mais rigorosamente nos grandes centros e inversamente proporcionais nos sítios mais periféricos, assim como identificou evidências de que mudanças sociopolíticas ocorreram no Marajó em torno de 200 anos antes da invasão europeia, argumentando que os marajoara não “desapareceram”, mas se transformaram (Schaan 2000a).

Em diversos trabalhos, Denise discutiu as representações de gênero na cerâmica marajoara, tanto em reflexões sobre a natureza sagrada de objetos produzidos para festejos e rituais (Schaan 2001a), por exemplo, em estatuetas quebradas no pescoço e interpretadas como objetos usados em curas rituais pelos pajés e descartadas (Schaan 2001b), quanto sobre práticas funerárias e sua parafernália associada aos gêneros feminino e masculino (Schaan 2003a). Desde uma perspectiva de Arqueologia do Corpo, retomou a temática das representações de gênero na cerâmica marajoara, tapajônica e maracá (Schaan 2012a). Suas reflexões acerca dos estudos de gênero e sexualidade na Arqueologia e de sua atuação como arqueóloga e mulher na Arqueologia amazônica foram publicadas em diversas revistas e livros (Schaan 2001b, 2003b, 2006a, 2009c, Gontijo & Schaan 2017).

Posteriormente, em sua pesquisa de doutorado, ela detalhou aspectos sociopolíticos da população pré-colonial que habitou o Marajó, ressaltando o desenvolvimento local da cultura marajoara, apresentando elementos da indústria cerâmica e dos padrões de assentamento das ocupações anteriores presentes na forma de habitar da cultura marajoara (Schaan 2004, 2006b; Schaan 2007a). Sua tese sobre o sistema de subsistência não agrícola, mas sim pesqueira das sociedades marajoaras, persiste como uma extraordinária

contribuição à Arqueologia amazônica (Schaan 2004, Schaan 2008). A prática da pesca intensiva pelos povos marajoara também foi usada para explicar a formação de terra preta em sítios do rio Anajás (Schaan, Kern & Frazão 2009), mais uma vez destacando contextos não agrícolas associados a um fenômeno pan-amazônico.

Com base em seus conhecimentos sobre a cultura Marajoara, Schaan (2007a) também fez contribuições teóricas para a Arqueologia amazônica problematizando a classificação artefactual em fases e tradições e as equivalências entre cultura material e grupos étnicos, o que, em sua percepção, perdia de vista os processos históricos de mudança sociocultural. Igualmente, em sua crítica ao emprego pouco debatido e não elaborado para os contextos amazônicos do conceito de cacicado (Schaan 2010), ela retoma seu incômodo sobre o amplo uso de fases e tradições cerâmicas sem as reflexões sobre os modos de vida das pessoas que as produziram, suas crenças, ritos, paisagens e como se organizavam socialmente, tema particularmente caro a ela (Schaan 2007a).

Em meados dos anos 2000, no período de sua atuação junto ao MPEG, Denise Schaan coordenou os trabalhos de mapeamento dos sítios arqueológicos situados na costa atlântica amazônica (Gabas Jr. 2018). O trabalho inserido no âmbito do projeto *Potenciais Impactos Ambientais*

do Transporte de Petróleo e Derivados na Zona Costeira Amazônica (PIATAM-Mar) foi conduzido em parceria com colegas da instituição com quem a pesquisadora estabeleceu colaborações em projetos e publicações (Silveira & Schaan 2005, Schaan & Marques 2012).

Denise tinha particular preocupação com a socialização do conhecimento produzido no âmbito da Arqueologia amazônica. A atenção dada a esse tema se desdobrou em artigos (Schaan 2006c, 2007b), livros (2009b), projetos (Schaan, Pacheco & Beltrão 2011, Bezerra, Schaan & Caromano 2012) e apresentações em congressos (Schaan 2014). A partir da perspectiva de Arqueologia pública, ela refletiu sobre os usos contemporâneos da arte marajoara no artesanato (Schaan 2006c, 2007b), tanto em réplicas como em hibridismos, e sobre as relações dos paraenses com a cultura marajoara (Schaan 2012b). As suas pesquisas na Ilha de Marajó também envolveram atividades de divulgação do conhecimento produzido pela Arqueologia nas escolas e o envolvimento das comunidades, inclusive propondo uma “gestão compartilhada do patrimônio arqueológico” com as populações que moram nas proximidades de sítios arqueológicos (Schaan 2007c).

Ao longo de sua carreira, Denise fomentou a realização de inúmeras ações de Educação Patrimonial no âmbito de seus projetos. Entre

2008 e 2011, a arqueóloga coordenou o projeto *Popularização do conhecimento sobre a História e a Arqueologia da Ilha de Marajó*, que tinha como objetivo socializar a história e a arqueologia do Marajó, com a participação efetiva de docentes das escolas públicas do arquipélago. O projeto resultou na elaboração de dois livros didáticos que reúnem textos produzidos por docentes do Marajó (Schaan, Pacheco & Beltrão 2011, Pacheco, Schaan & Beltrão 2012). Ainda participou de cursos oferecidos para docentes do ensino básico, apoiou a organização de exposições de Arqueologia locais e a criação de materiais para fins didáticos (Bezerra, Schaan

& Caromano 2012).

Fazer uma síntese da contribuição científica de uma pesquisadora tão atuante, produtiva e envolvida nos diversos aspectos que constituem a vida acadêmica, como foi Denise Schaan, é uma tarefa desafiadora e que não poderia ser realizada sem a participação de pessoas que partilharam com ela ideias, projetos, trabalhos de campo e de laboratório. Assim sendo, os textos deste dossiê consideram temas inaugurados e/ou explorados por ela ao longo de sua trajetória profissional e prestam uma homenagem à arqueóloga por parte de colaboradores.



Figura 2 - Equipe interdisciplinar, com vários professores do PPGA/UFGA no sítio geoglifo Tequinho, 2012.
Foto: André dos Santos.

O texto que abre o dossiê, de autoria de Jane Beltrão, Tallyta Silva e Rhuan Lopes, traz um panorama da trajetória profissional de Denise, norteado pelos impactos da atuação da pesquisadora ao longo de sua caminhada acadêmica. Tomando por base o texto introdutório do seu currículo Lattes como forma de explorar a autorrepresentação da arqueóloga, o que ela destacava em sua carreira, para em seguida detalhar a diversidade de suas pesquisas orientadas, desde os planos de trabalhos de iniciação científica até as teses de doutorado, tanto na Arqueologia como na Antropologia.

Chama atenção também seus múltiplos projetos, que abarcavam o tripé pesquisa, ensino

e extensão, que foram a base prática da formação daqueles que orientou, profissionais atuantes na Arqueologia e Antropologia amazônicas. O texto acentua a ausência de conclusão, pois Denise deixou “espaços de continuidade em aberto” ao estabelecer o campo da Arqueologia na UFPA.

Em seguida, Klaus Hilbert explora a temática da ritualidade marajoara a partir da análise artefactual e revisão bibliográfica. Seu artigo apresenta dados originais de artefatos da fase Marajoara, interpretados como inaladores de rapé ou “colheres de paricá”. O autor revisa textos etnográficos e literários sobre o uso de entorpecentes inalados e a parafernália utilizada, chamando atenção para as poucas informações arqueológicas sobre o tema.



Figura 3 - Denise em prática de campo do PPGA, em 2013, no sítio Tucumã, Melgaço, Marajó.
Foto: André dos Santos.

A partir de informações etnográficas, é apontado o alcaloide dimetiltriptamina (DMT) como substância básica de psicoativos usados por diversos grupos indígenas na Amazônia, bem como as plantas leguminosas utilizadas, métodos de processamento e os materiais utilizados para inalação, como carapaças de caracóis, ossos de pássaros e cabaças. Da literatura são compilados registros de usos de substância psicoativas dentre grupos indígenas, desde os textos do contato ao relato de Davi Kopenawa. Por fim, são descritas e classificadas as “colheres de paricá” da fase Marajoara e divididas em dois grupos a partir de aspectos formais: um grupo de recipientes em formato hemisférico e de decoração mais simples, outro composto de objetos zoomorfos e com decoração mais elaborada. Hilbert conclui reforçando sua interpretação desses artefatos como inaladores de substâncias psicoativas e assinalando que essa hipótese havia sido anteriormente aventada por Peter Hilbert e Henry Wassén.

As investigações de Denise em Santarém contribuíram para as pesquisas nessa região em duas principais frentes: os estudos meticulosos do sítio Porto de Santarém (2007-2014) e o levantamento sistemático de sítios arqueológicos no platô de Belterra (Schaan & Amaral 2013). As pesquisas no sítio Porto (Schaan & Alves

2015) permitiram o refinamento cronológico da ocupação deste local, a identificação de áreas de atividades (por exemplo: áreas de enterramentos, de manufatura cerâmica e lítica, de descartes domésticos e rituais), análises tipológicas das indústrias cerâmicas (Silva 2016) e líticas (Araújo da Silva 2016) de artefatos coletados em contexto arqueológico, análises arqueobotânicas e caracterização geoquímica (Alves 2017). Um dos focos das pesquisas eram os bolsões evidenciados em vários contextos arqueológicos da Amazônia e interpretados de diferentes modos (Gomes 2010, Barreto 2014, Neves 2014).

Os estudos dos processos formativos e conteúdos dos bolsões, comumente concebidos como lixeiras rituais, demonstraram variabilidades significativas nos artefatos descartados nessas estruturas: desde numerosas lascas de debitagem e fragmentos de cerâmica simples a objetos mais singulares, como estatuetas inteiras e fragmentadas, fragmentos dos elaborados vasos de cariátides e de gargalo, lâminas de machado, alargador, pingentes líticos e um muiraquitã, cuja análise é apresentada por Costa et al. neste dossiê. Todos esses dados, conjuntamente, levaram a interpretações dos bolsões como espaços ritualizados (Cardoso da Silva 2016, Araújo da Silva 2016), aprofundando a compreensão sobre as práticas cerimoniais dos Tapajó.



Figura 4 - Denise em campo no sítio Porto de Santarém, 2014.
Foto: André dos Santos.

Tomados como um centro importante da ocupação Tapajó na região (Schaan 2016), o sítio Porto (89,1 ha) forma com o sítio Aldeia (121,6 ha), o maior sítio arqueológico da região e um dos maiores da Amazônia. A área de cemitério e análise das urnas funerárias daí retiradas indicaram que se tratava de um local de enterramentos secundários, prática comum entre elites amazônicas pré-coloniais (Schaan & Alves 2015). O padrão funerário Tapajó, com a deposição secundária de ossos pequenos, inicialmente pensado como

exclusivo do Porto, é retomado neste dossiê por Joanna Troufflard, em seu estudo comparativo entre as ocupações dos sítios Porto e Cedro.

Partindo de uma perspectiva da Arqueologia da Paisagem, as prospecções de sítios na região Santarém-Belterra, tanto ao longo da Transamazônica quanto pelos diversos ramais do platô, que haviam sido anteriormente trilhados por Curt Nimuendajú, resultaram no reconhecimento de 113 sítios arqueológicos, na definição do sistema de assentamento dos Tapajó (Stenborg, Schaan &

Amaral 2012) e estimativa cronológica do processo de assentamento no baixo Tapajós (Schaan 2016). A longa distância de dezenas destes sítios em relação ao rio Tapajós mais uma vez colocou Denise Schaan diante do manejo de águas, dessa vez, por meio do aproveitamento de depressões naturais cavadas para formar poços que acumulavam água de chuva (Stenborg, Schaan & Amaral 2012).

A distribuição regional dos sítios, incluindo alguns agrupamentos, levaram-na a sugerir que a organização dos Tapajó tratava-se de um conjunto de núcleos articulados compartilhando a mesma cultura, ao invés de um cacicado centralizador e hierárquico (Schaan 2012c), hipótese que explorou posteriormente com base na distribuição espacial e tamanho dos sítios e na análise das cerâmicas provenientes de 58 sítios de Santarém-Belterra, concluindo que os vínculos entre os Tapajó se constituíam a partir de seu ambiente construído e de uma história cultural comum, com a partilha de rituais religiosos e participação em redes de trocas internas e externas de bens produzidos nas vilas economicamente especializadas (e.g. pesca, cultivo, produção de tecidos) (Schaan 2016). As temáticas das redes de trocas, dos contextos deposicionais, atividades rituais e da organização sociopolítica dos Tapajó são abordados por seus colaboradores em três textos deste dossiê.

Rebellato e Barbosa (*in memoriam*) apresentam dados preliminares da pesquisa geoarqueológica desenvolvida no sítio de terra preta Faisal, localizado na comunidade quilombola Juquirizinho, região do Trombetas/Nhamundá. O artigo divulga resultados assentados em informações etnográficas e etno-históricas como referencial interpretativo, de um estudo cerâmico executado por Barbosa, antes de sua morte precoce em junho de 2020.

A análise tem em vista as recorrentes críticas de pesquisadores da Arqueologia amazônica, como Schaan (2007a), a associações diretas entre cultura material e etnia, assim como suas proposições acerca dos significados sociopolíticos das variações estilísticas na cerâmica, o que refletem sobre o significado da contemporaneidade entre diferentes indústrias cerâmicas no sítio Faisal, propondo que essas materialidades distintas indicariam relações interculturais e multiétnicas possivelmente suprarregionais entre Amazônia Central, baixo Amazonas e as Guianas. Os resultados apresentados no artigo apontam ainda que futuras investigações comparativas podem testar essa hipótese e explorar a fluidez das redes de trocas entre os povos do Norte da América do Sul e o baixo Amazonas.

A temática das redes de troca entre o baixo Amazonas e a Costa Atlântica também é explorada no artigo de Costa et al., que mostra os resultados das análises químico-mineralógicas do primeiro

muiraquitã coletado em contexto arqueológico no baixo Amazonas, durante a pesquisa de Denise no sítio Porto de Santarém. A prática metodológica de Schaan permeia todo este trabalho, desde a exploração de uma anomalia geofísica que resultou na identificação da feição de coleta do muiraquitã, um bolsão caracterizado por artefatos da cultura Santarém e datado em seu ápice (540 A.P.), até as definições iniciais das análises laboratoriais do objeto batraquimorfo. A falta de elaboração do muiraquitã do sítio Porto, comparado aos artefatos de coleções museológicas, em conjunto com a matéria-prima local é interpretada como indício de produção para consumo interno, enquanto os mais elaborados seriam manufaturados para uma rede de trocas com outras partes do continente.

Ainda na região do Tapajós, Troufflard apresenta resultados de sua pesquisa de doutorado vinculada aos projetos de Schaan no platô de Belterra. O estudo comparativo entre os sítios Porto e Cedro discute a organização sociopolítica dos Tapajós, revisando os modelos explicativos de fundo hierárquico e heterárquico propostos em trabalhos anteriores. Comparando os contextos de deposição e indústrias cerâmicas dos dois sítios, Troufflard identifica semelhanças contextuais e no padrão deposicional, mas aspectos formativos distintos, apontando também similaridades iconográficas e morfológicas, com variações

tecnológicas na parafernália doméstica e ritual dos sítios. Apoiando-se no modelo heterárquico proposto por Schaan (2016), a autora propõe uma organização sociopolítica regional dos Tapajós, de caráter não centralizado com uma base cosmológica compartilhada.

Em 2005, Denise iniciou os estudos sobre os geoglifos quando assumiu a coordenação de projetos de pesquisa no Acre, onde esteve à frente de equipes multidisciplinares até seu falecimento em 2018. Ela e sua equipe localizaram inúmeros geoglifos e promoveram a divulgação internacional dessas impressionantes construções geométricas em terra conhecidas na Arqueologia brasileira desde os anos 1970 (Dias & Carvalho 1988, 2008) e ainda hoje estudadas por equipes de Arqueologia (Saunaluoma et al. 2020).

Os estudos dos geoglifos lhe deram destaque internacional e trouxeram inovações metodológicas para a Arqueologia amazônica, como o emprego de sensoriamento remoto por meio de imagens de satélite para a identificação dos sítios (Schaan 2017) e para abordar os padrões de assentamento em vilas monticulares posteriores à construção dos geoglifos (Iriarte et al. 2020). Incluiu ainda estudos arqueobotânicos para entender qual era a paisagem durante o período da construção dos geoglifos e os impactos na paisagem da região (Watling et al. 2017).



Figura 5 - Denise em campo em sítio geoglifo no Acre.
Foto: © MAURÍCIO DE PAIVA/FotoArqueologia.

Nos 13 anos de execução de diversos projetos, Schaan e colegas mapearam centenas de geoglifos na região fronteira entre Acre, Rondônia, Amazonas e Bolívia (Schaan, Ranzi & Pärssinen 2008, Schaan 2017). Nas suas diversas publicações ampliaram a cronologia (Schaan et al. 2012), os padrões de distribuição espacial dos geoglifos (Saunaluoma & Virtanen 2015) e os processos de formação desses sítios (Saunaluoma & Schaan 2012). Testando sua hipótese inicial de que as construções teriam funções defensivas e se confrontando com os dados obtidos em escavações, os quais não indicavam o uso desses locais como moradia, Saunaluoma e Schaan (2012) argumentaram que se tratavam de centros cerimoniais.

A continuidade das pesquisas possibilitou que essa interpretação fosse elaborada. Uma vez estabelecida que a construção arquitetônica de estruturas de terra se iniciou cerca de 2.000 anos atrás, mas com a construção intensiva de geoglifos entre 200 a.C. e 900 a.D., Schaan e colegas categorizaram as estruturas de terra em geoglifos e vilas monticulares (circulares e quadrangulares). Sendo os primeiros ainda interpretados como centros cerimoniais e as segundas como locais de habitação (Saunaluoma et al. 2018).

A rede de colaboradores de Denise nas pesquisas dos geoglifos do Acre traz dados inéditos das pesquisas em sítios monticulares associados a geoglifos no Sul do Acre. Iriarte e colegas refinam

a cronologia e a interpretação dos processos construtivos das vilas monticulares, desde uma abordagem bayesiana cruzando datações por C^{14} (que localiza esses sítios ca. 1000-1650 a.D.) e dados estratigráficos. Os padrões de organização espacial, tamanho e forma dos sítios e suas estruturas monticulares, a interconectividade dos sítios por uma rede de estradas, eventos de construção e habitação e a contemporaneidade apontada são interpretados pelos autores como evidências de um sistema regionalmente integrado.

Outro colaborador de Denise nas pesquisas dos geoglifos, Pärssinen, apresenta os resultados de uma análise da indústria cerâmica do sítio geoglifo Tequinho. Retomando a proposta de Schaan (2012) sobre o uso do conceito de horizonte para abordar “fenômenos arqueológicos em uma perspectiva regional e cronológica mais ampla”, o autor propõe que, dividido em dois períodos cronológicos (Horizonte Policromo Inicial e Tardio), esse conceito pode ser uma ferramenta útil para estudos na escala da grande Amazônia. Após uma revisão de Horizonte como categoria analítica e dos trabalhos sobre cerâmica policroma na Amazônia, o autor apresenta dados contextuais, estratigráficos e cronológicos, bem como a caracterização tecnomorfológica básica da cerâmica cerimonial do sítio Tequinho, a fim de sustentar a sua argumentação em favor do

emprego do conceito de Horizonte.

A perspectiva comparativa sobre as formações sociais na Amazônia pré-colonial, apresentada por Schaan em seu livro monográfico *Sacred Geographies of Ancient Amazonia* (Schaan 2012c) demonstra os rumos que sua pesquisa tomaria na abordagem dos antigos povos amazônicos nos anos vindouros, assentada na tese sobre o pleno desenvolvimento e crescimento demográfico dessas populações quando da invasão europeia. Observando o manejo das águas e da terra, tanto em estruturas monumentais no Marajó e no Acre ou em menor escala em Santarém (igualmente transformadoras da paisagem), e apoiando-se na Ecologia Histórica, Denise argumentou que o manejo das paisagens fez parte de elaboradas e eficientes estratégias de produção de alimentos, após a interação milenar com os ambientes tropicais das sociedades pré-colombianas.

Em sua conclusão, ela discute a importância da divulgação científica desses conhecimentos, bem como seu uso em políticas públicas informadas por essa história de longa duração da experiência humana na Amazônia, aproveitando e incrementando a biodiversidade sem a destruição ambiental que testemunhou em suas pesquisas.

Um de seus legados que persiste e perdura é o *Laboratório de Arqueologia Denise Pahl Schaan (LADS)*, que acaba de ser criado na UFPA, uma

das muitas conquistas que poderíamos relacionar à passagem dela pela instituição. Associada ao laboratório, que foi inicialmente criado por Denise no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFPA), existe ainda a Reserva Técnica de Arqueologia, e ambos são vinculados ao Laboratório de Antropologia Napoleão Figueiredo (LAANF). As coleções provenientes de pesquisas relacionadas a cerca de 13 projetos desenvolvidos em diversas regiões amazônicas, compõem hoje o acervo de vestígios arqueológicos da instituição. Um acervo pequeno, mas significativo, com artefatos de extrema singularidade, como um muiraquitã encontrado em contexto e vasilhas cerâmicas inteiras, inclusive urnas com ossos humanos.

Denise era muito boa em contar estórias. Assim, contribuía de maneira ímpar para desvendarmos histórias que poucos conhecem. E esse dom extrapolou a Arqueologia. Nos últimos tempos notamos que a arqueóloga tentava se afastar da disciplina que fez dela uma referência, indicava que queria se dedicar a uma atividade que a acompanhou ao longo de sua carreira profissional, mas pouco conhecida pelos pares. Foi seu amor pela iconografia, e pelo audiovisual, que ironicamente a aproximou da Arqueologia ainda no Rio Grande do Sul.

A partir de 2013, Denise enveredou de vez pelos caminhos da fotografia e produção de filmes

documentais e etnográficos. Em parceria com Artur Arias Dutra e André dos Santos, da Lamparina Filmes (lamparinafilmes.com.br), foi contemplada em editais e recebeu prêmios mesmo em sua curtíssima carreira no campo do audiovisual. Nesse ramo, Denise atuou como produtora executiva, assistente de direção, seleção de elenco, roteiro, fotografia *still, making of*, além de consultora na área de Arqueologia e Antropologia. Em seu portfólio encontram-se diversos filmes, tais como *Samba de Cacete: alvorada quilombola*, que recebeu prêmio de melhor documentário curta-metragem no XIV Festival Internacional do Film Panafricain de Cannes (França, 2017); *Mina Dois Irmãos: raiz; tambor e fé*, *Marambiré*, *Calibre* (Sonora Pará), *Limiar*, *Sou(L) Kilariô*, dentre outras produções.

Como antropóloga, seja por meio da Arqueologia ou de seus documentários, seguiu uma trajetória consistente e brilhante. Sua personalidade forte e de sorriso tímido não era admirada unanimemente. No entanto, sua genialidade e sua contribuição ímpar para a Arqueologia na Amazônia é inquestionável. Na Universidade Federal do Pará, hoje, somos um grupo de quatro arqueólogas e três arqueólogos, e Denise foi grande responsável pelo fomento da disciplina nesta instituição. Sua influência pode ser percebida não apenas pelo que ela fez no passado, mas também pelas sementes que plantou na Amazônia, seja pelos pesquisadores



Figura 6 - Denise em campo de Etnografia Audiovisual em Belém.
Foto: André dos Santos.

que ela formou, ou por colegas que mantêm viva a Arqueologia nesta instituição. Por tudo isso, pelas saudades, e pela reverência que ela merece, fazemos aqui uma justa homenagem. Sobre sua inigualável contribuição à Arqueologia amazônica, ninguém melhor que José Proenza Brochado, seu orientador no mestrado, para antecipar o que estava por vir. Já dizia ele, há mais de vinte anos:

Ao final, sua dissertação foi defendida com êxito e recebeu a mais alta graduação por unanimidade da banca examinadora. Um dos aspectos mais importantes de seu trabalho foi estabelecer que muitos dos desenhos ou motivos decorativos ditos

“geométricos” e interpretados muitas vezes como não-representativos, que teriam unicamente a função de preencher os espaços entre as representações naturalistas (*fillers*), realmente eram estilizações de animais ou seres míticos, representando conceitos com significado social importante. (Brochado 1997).

Denise dizia que “o mundo precisa de bons contadores de histórias” e reconhecia que alguns deles podiam ser arqueólogos (Schaan 2009c: 99). Denise Pahl Schaan foi uma extraordinária contadora das muitas histórias que formam o passado, o presente e o futuro da Amazônia.

REFERÊNCIAS

Alves, D. T. 2017. Dark Earth plant management in the Lower Tapajós. Tese de Doutorado, Departamento de Arqueologia, Universidade de Exeter, GB.

Araújo da Silva, T. S. 2016. Banquete lapidoso: tecnologia lítica em contextos festivos no Sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, BR.

Balée, W. 2009 The Four-Field Model of Anthropology in the United States. *Amazônica - Revista de Antropologia* 1 (1): 28-53.

Barreto, C. 2014. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial, in *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Editado por S. Rostain, pp. 123-131. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos.

Bezerra, M.; Schaan, D. P., e Caromano, C.F., Organizadores. 2012. in *Arqueologia e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis, Pará*. Belém: GKNoronha.

Dias, O. F., Carvalho, E.T. 2008. As estruturas de terra na arqueologia do Acre, in *Arqueologia da Amazônia Ocidental: os Geoglifos do Acre*. Editado por D.P. Schaan, A. Ranzi, e M. Pärssinen, pp. 45-56. Belém: EDUFPA; Rio Branco: Biblioteca da Floresta Ministra Marina Silva.

Gabas Jr., N., 2018. Em memória de Denise Pahl Schaan (1962-2018). <https://www.museu-goeldi.br/noticias/em-memoria-de-denise-pahl-schaan-1962-2018-3>. (Acessado em 29 junho de 2021).

Gomes, D. 2010. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó, in *Arqueologia Amazônica*. Editado por E. Pereira, e V. L. C. Guapindaia, v. 1, pp. 213-234. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/SECULT/IPHAN.

Gontijo, F.S., e D. P. Schaan. 2017. Sexualidade e Teoria Queer: apontamentos para a Arqueologia e para a Antropologia brasileiras. *Revista de Arqueologia* 30 (2): 51-70.

Iriarte, J. et al. 2020. Geometry by Design: Contribution of Lidar to the Understanding of Settlement Patterns of the Mound Villages in SW Amazonia. *Journal of Computer Applications in Archaeology* 3(1): 151-169.

Neves, E. G. et al. 2014. A Tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na Calha do Amazonas, in *Antes de Orellana: actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Editado por S. Rostain, pp. 137-156. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos.

Oliveira, E., Nobre, E., e Barreto, C. 2020. Arte, Arqueologia e agência na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 15 (3): e20200111.

Pacheco, A. S., D. P. Schaan, e J. F. Beltrão. Organizadores. 2012. *Remando por campos e florestas: patrimônios marajoaras em narrativas e vivências*. Belém: GKNoronha.

Saunaluoma S., e D. P. Schaan. 2012. Monumentality in western Amazonian formative societies: Geometric ditched enclosures in the Brazilian state of Acre. *Antiqua* 2(1), e1.

Saunaluoma S., e P. K. Virtanen. 2015. Variable models for organization of earthworking communities in Upper Purus, southwestern Amazonia: Archaeological and ethnographic perspectives. *Tipiti Journal of the Society for the Anthropology of Lowland of South America* 13(1): 23-43.

Saunaluoma, S., M. Pärssinen, e D. P. Schaan. 2018. Diversity of Pre-Colonial Earthworks in the Brazilian State of Acre, Southwestern Amazonia. *Journal of Field Archaeology* 43: 362-379.

Saunaluoma, S., J. Moat, F. Pugliese, e E. Neves. 2020. Patterned Villagescapes and Road Networks in Ancient Southwestern Amazonia. *Latin American Antiquity* 32(1): 173-187.

Schaan, D. P. 1997. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Schaan, D. P. 2000a. Evidências para a permanência da cultura marajoara à época do contato europeu. *Revista de Arqueologia* 12/13:23-42.

Schaan, D. P. 2000b. Recent Investigations on Marajoara Culture, Marajo Island, Brazil. *Antiquity* 74: 469-470.

Schaan, D. P. 2001a. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society, in *The unknown Amazon: nature in culture in ancient Brazil*. Editado por C. McEwan, C. Barreto, e E. Neves, pp. 108-133. Londres: British Museum Press.

Schaan, D. P. 2001b. Estatuetas antropomorfas marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 17(2):437-477.

Schaan, D. P. 2003a. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara. *Revista de Arqueologia* 16: 31-45.

Schaan, D. P. 2003b. Investigating Gender in Prehistoric Amazonia. *Women's Studies Newsletter*.

Schaan, D. P. 2004. The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajo Island. Tese de Doutorado, Universidade de Pittsburgh, EUA.

Schaan, D. P. 2006a. Is there a need to (un)gender the past?, in *Gender and the Local/Global Nexus: Theory, Research and Action*. Editado por V. Demos, e M. T. Segal, pp. 47-64. Oxford: Elsevier.

Schaan, D. P. 2006b. Manejo Ecológico e o Desenvolvimento de Sociedades Complexas na Ilha de Marajó, Brasil, in *Pueblos y Paisajes Antiguos de la Selva Tropical Amazónica*. Editado por G. Morcote, S. Mora, e C. Franky, pp. 349-365. Washington: Taraxacum.

Schaan, D.P. 2006c. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Revista Arqueologia Pública* 1: 31-48.

Schaan, D.P. 2007a. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 2 (1): 77-89.

Schaan, D.P., M. Bueno, e A. Ranzi. 2010. Geoglifos do Acre: novos desafios para a arqueologia amazônica, in *Amaz'hommes. Sciences de l'Homme et sciences de la nature en Amazonie*. Editado por E. B. Visigalli, e A. Roosevelt, pp. 45-58. Matoury: Ibis Rouge Éditions.

Schaan, D.P. 2007b. A arte da cerâmica Marajoara: encontros entre o passado e o presente. *Habitus* 5(1): 99-117.

Schaan, D.P. 2007c. Múltiplas vozes, histórias e memórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico da Amazônia. *Revista do Patrimônio: Arqueologia*. Organizado por T. A. Lima, pp. 19-35. Rio de Janeiro: IPHAN.

Schaan, D.P. 2008. The Non-Agricultural Chiefdoms of Marajo Island, in *Handbook of South American Archaeology*. Editado por H. Silverman, e W. Isbell, pp. 339-357. New York: Springer.

Schaan, D.P. 2009a. A Amazônia em 1491. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas* 11/12 (20-21): 55-82. Dossiê Arqueologia.

Schaan, D.P. 2009b. *Cultura Marajoara*. Rio de Janeiro: Senac Nacional.

Schaan, D.P. 2009c. Reflexões de uma arqueóloga e mulher na Amazônia, in *Desafios da Arqueologia: Depoimentos*. Organizado por L. Domínguez, P.P. Funari, A.V. Carvalho, e G. B. Rodrigues, pp. 89-99. Eremchim: Habilis.

Schaan, D. P. 2010. Sobre os cacicados amazônicos: sua vida breve e sua morte anunciada. *Jangwa Pana* 9: 45-64.

Schaan, D. 2012a. Una comparación entre iconografía de genero y complejidad social en tres sociedades amazónicas precolombinas, in *Somos de piedra, somos de barro: Arqueología del cuerpo en America Latina*. Editado por C. E. Vilalonga, e R. Navarrete, pp. 139-156. Saarbrücken: Editorial Acadêmica Espanhola.

Schaan, D. 2012b. Entre a tradição e a pós-modernidade: a cerâmica marajoara como símbolo da identidade paraense, in *Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias*. Organizado por H. R. Maués, e M. E. Maciel, pp. 35-68. Belém: L & A Editora.

Schaan, D. P. 2012c. *Sacred Geographies of Ancient Amazonia*. Walnut Creek: Left Coast Press.

Schaan, D.P. Organizadora. 2013. *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônia e Santarém-Cuiabá*. Belém: GKNoronha.

Schaan, D.P. 2014. Local knowledge, local voices: many ways for decolonizing archaeological practice in Amazonia, in *79th Annual Meeting of the Society for American Archaeology*, Austin, TX.

Schaan, D.P. 2016. Discussing centre-periphery relations within the Tapajó domain, lower Amazon, in *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*. Editado por P. Stenborg, pp. 23-36. Gothenburg: University de Gotenburgo.

Schaan, D.P. 2017. Las zanjas circundantes (geoglifos) de la Amazonia, in *Las siete maravillas de la Amazonía Precolombina*. Editado por S. Rostain, e C. J. Betancourt, pp. 119-136. La Paz: Plural Editores.

Schaan D.P. et al. 2012. New radiometric dates for pre-Columbian (2000-700 B.P.) earthworks in western Amazonia, Brazil. *Journal of Field Archaeology* 37(2): 132-142.

Schaan, D.P., e M. Amaral. 2013. A grande expansão geográfica dos Tapajó, in *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá*. Organizado por D. P. Schaan, pp. 17-36. Belém: GK Noronha.

Schaan, D.P., e Lima, A. P. 2012. Ocupação antiga da Amazônia: a história de Serra Leste contada pela arqueologia, in *Arqueologia e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis, Pará*. Organizado por M. Bezerra, D.P. Schaan, e C. F. Caromano. Belém: GKNoronha.

Schaan, D.P., A. Ranzi, e M. Pärssinen. Organizadores. 2008. *Arqueologia da Amazônia Ocidental: os geoglifos do Acre*. Belém: EDUFPA.

Schaan, D. P., A. S. Pacheco, e J.F. Beltrão. Organizadores. 2011. *Remando por campos e florestas: memórias e paisagens dos Marajós*. Rio Branco: GKNoronha.

Schaan, D. P., e C. P. Martins. Organizadores. 2010. *Muito além dos campos: Arqueologia e história na Amazônia marajoara*. Belém: GKNoronha.

Schaan, D. P., F. L. Marques. 2012. Por que não um filho de Joanes? Arqueologia e comunidades locais em Joanes, Ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia* 25 (1): 106-123.

Schaan, D. P., e M. Bezerra. Organizadores. 2009. *Construindo a Arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Belém: GKNoronha/Sociedade de Arqueologia Brasileira.

Schaan, D. P., W.F. Silva. 2004. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia* 17:13-32.

Kern, D., e J. Frazão. 2009. The cultural practices behind the formation (or not) of Amazonian Dark Earths on Marajo island archaeological sites, in *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision*. Editado por Woods, W. et al., pp. 127-142.

Silva, A. B. C. 2016. Do luxo ao lixo: um estudo arqueológico do material cerâmico dos bolsões do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, BR.

Silveira, M. I., e D.P. Schaan. 2005. Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. *Revista de Arqueologia* 18: 67-79.

Stenborg, P., D. P. Schaan, e M. Amaral. 2012. Pre-Columbian land use and settlement pattern in the Santarém Region, Lower Amazon. *Amazônica* 4 (1): 222-250.

Stenborg, P. et al. 2014. The cultivated wilderness project? Hinterland archaeology in the Belterra Region, Pará, Brasil, in *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Editado por S. Rostain, pp. 149-155. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos.

Watling, J. et al. 2017. Impact of pre-Columbian “geoglyph” builders on Amazonian forests. *Proceedings of the National Academy of Science USA* 114 (8): 1868-1873.